

Gaiato

4 DE MAIO DE 1968

ANO XXV — N.º 630 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO. CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAR
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Festas

Este ano, acabaram. Para nós é alívio, porque ficamos mais libertos para a vida da Casa, o que não quer dizer que não sejam já as Festas: uma parte da vida das nossas Casas. Assim como, entre nós, qualquer oficina é eminentemente escola, também as Festas são escola de iniciativa, de responsabilidade, de exercício da imaginação, de procura de critério, de apuramento do gosto. E se os resultados não se podem medir em perspectiva exclusivamente material, porquanto os encargos das Festas vão passando e ou-

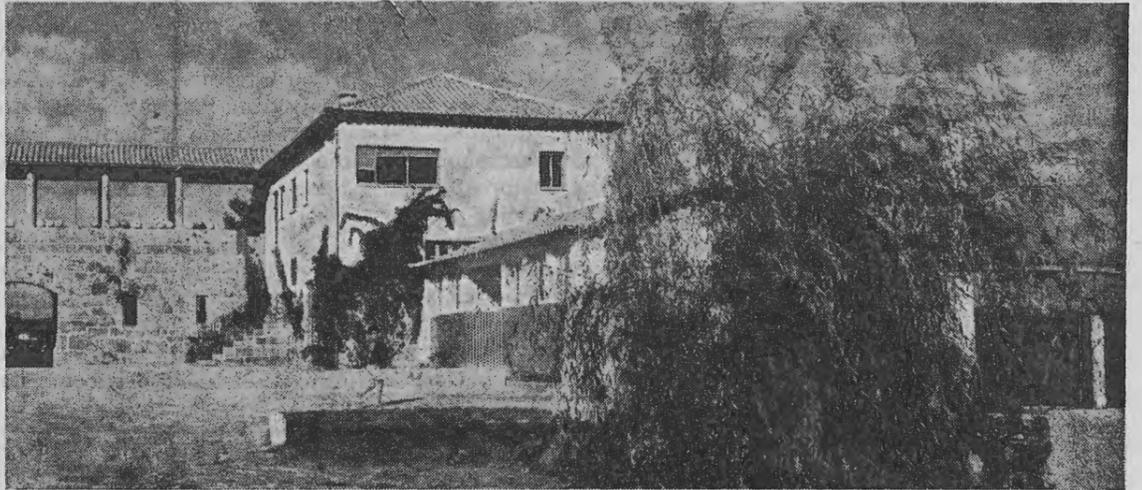
tros se iniciam sem terem, às vezes, oportunidade de revelarem o aproveitamento numa repetição da experiência — a verdade é que este mesmo condicionalismo põe em evidência o poder da tradição.

Há alguma coisa que se vem fazendo em anos sucessivos e que fica de uns para os outros, constituindo um património de base que cada novo responsável vem encontrar. Este património, incessantemente enriquecido, produz certa facilitação da tarefa de quem chega; é uma energia potencial de que, sem talvez dar conta, ele pode dis-

por e realmente dispõe. E, consequentemente, traduz-se por um progresso contínuo da organização, que mais função é desta força-viva vinda de trás do que da capacidade própria de cada responsável.

Esta constatação é um valor muito importante para nós e para os Rapazes. Por ela eu vou crescendo em tranquilidade ao longo da linha sucessória dos nossos festeiros, feliz por ver a obra deles, por eles — a qual, para mim, conta mais pelo trabalho de preparação e de bastidores do que

Cont. na 4.ª página



UM BELO RECANTO DA CASA DO GAIATO DE BEIRE — PAREDES, NA MESMA QUINTA DO NOSSO «CALVÁRIO».

Calvário

Agora somos nós que desejamos fazer justiça.

Em primeiro lugar ao magistrado diante de quem estivemos no Tribunal de Paredes. Não apenas pela sentença que pronunciou, tão elegante e bela em sua forma, mas pela delicadeza extrema com que a redigiu e no-la leu, quase pedindo desculpa pelo incómodo a que a burocracia nos sujeitou. Quem dera que os fracos, como nós, encontrassem sempre tanto carinho e compreensão!

Depois aos que tiveram de intervir na acção. A bondade, para ser grande e apreciável, há-de ser discreta. Aqui foi silenciosa. Aquela cadeira em substituição do clássico banco destinado ao réu, falou tão alto de quem a lá colocou, que todos ficaram sabendo quem foi.

E também aos que enviaram telegramas e cartas de regozijo. Nós somos avessos a tais manifestações. Mas vimos nisto tudo quanto esta causa do doente incurável e pobre, é amada por tanta gente. Quem dera que para ela resultasse mais concreta atenção e que os enfermos inválidos passassem a encontrar sempre leito amigo para minorar seu sofrimento.

Se a justiça humana se preocupasse com os vivos que sofrem na doença o abandono dos outros, como se preocupou neste caso nosso com o registo de óbito daqueles que já faleceram, quão bem não adviria para aqueles!

Mas a justiça humana é obra de todos nós. Saibamos escutar o silêncio do viver penoso de tantos, como os que temos aqui, que no-la suplicam!

Padre Baptista

MALANJE

Por
PADRE
TELMO

A beira mar! O Tonito Mouco nunca tinha visto o mar. O Rebelais e Jorge também não. E o Luís, nascido em Luanda, aqui onze anos — e nunca tinha tomado banho no mar! Valeu a pena vir só para o Luís saborear as ondas.

E legítimo possuir o mar!

E cristão reparti-lo com aqueles que, por si sós, não podem tê-lo!

O nosso acampamento foi à beira do Morro da Luz, à sombra de eucaliptos — em tendas de campanha.

Enquanto eles, mergulhos no mar; eu, mergulhos nas fábricas de mosaicos, que a nossa nova casa precisa dum chão liso. Mergulhos nas fábricas de tintas, que as paredes têm que se ver. Mergulho fundo na Igreja de Nazaré — pequenina mas católica — que em certas grandes não cabe a nossa pequenez!

XXXX

Quando chegou era Eugénio. Mas eles descobriram que tinha na cabeça umas saliências e puseram-lhe o 5 bolotas. Hoje é só bolotas.

E formidável o bolotas!

E o mais pequenino, mas pontifica e enche a casa.

Continua na TERCEIRA página

Algumas estudantes da Conferência Vicentina do nosso Liceu estão a habituar-se a vir até Belém, aos sábados.

Desta vez conversámos bastante sobre critérios adoptados na assistência a famílias pobres e tendência que há de lhes internar os filhos — para as aliviar. É assunto de muito interesse ser tratado, em profundidade, conjuntamente pelos que assistem ao Pobre e pelos responsáveis de casas de internamento, como Belém. A calcular pelo que se tem passado cá em casa, estou certa de que há, por esse País fora, centenas e centenas de crianças internadas, que nunca deviam ter sido tiradas aos pais, nem mesmo à mãe solteira.

É preciso não deixar perder estas boas oportunidades, enquanto os responsáveis de Obras de assistência não virem a enorme vantagem que haveria num trabalho de colaboração.

Deixei, pois, falar a experiência e ganhei certo calor na apresentação de vários casos concretos.

Fui, pois, apanhada de surpresa, quando uma delas veio

★ BELEM ★

pôr este remate à nossa conversa:

— Pois sim, mas a mim, o que mais me impressionou é V. ter comprometido todo o seu futuro, para se dar totalmente a esta Obra...

Ia a perguntar-lhe o que entendia por «comprometer o futuro», mas outra visita apareceu à porta.

Fica para outra vez...

x x x x

É ocasião de dizer aqui que, antes de meter ombros a esta Obra, fiz as diligências que pude, no sentido de continuar a receber o meu ordenado, como professora oficial.

Pensava eu, como toda a gente, que, dessa forma, não me tornaria pesada à Obra e

poderia manter a ajuda financeira que prestava a meus pais, com quem tinha vivido, até então. Era ainda uma medida prudente, visto que ninguém poderia prever se a Obra iria por diante, começando como começou — do nada.

O então Ministro da Educação Nacional, Eng.º Leite Pinto, compreendeu a situação e pôs na solução do caso todo o seu interesse. Mas tratava-se duma Obra particular e não do Ministério da Educação, pelo que foi impossível conseguir a aprovação do Tribunal de Contas.

De então para cá, quantas vezes tenho sentido como foi providencial tal impossibilidade...

Dizia-me há tempos uma Amiga: — V. Já deu conta da

importância que teve na aceitação da Obra o facto de ter sido obrigada a pedir a exoneração do cargo oficial?

E contou-me as impressões colhidas em reunião de pessoas da alta...

x x x x

Há tempos estava aqui um rapaz, já casado e prestes a entrar na tropa. Foi gaiato em Paço de Sousa mas, aos 16, começou a andar chatado e fugiu. Com isto, foi parar à Tutoria. Vinha ver uma irmã, também agora nos 15 e cheia de nostalgia da barraca que deixou.

Pedi-lhe que deixasse falar a experiência e dissesse as verdades à irmã. Ele assim fez, com toda a sinceridade, rematando:

— Vê lá! Não fujas! A gente, nestas idades, não acredita nos concelhos dos Superiores, mas depois a vida ensina-nos que eles têm razão e só querem o nosso bem. Então um homem que podia ter uma vida mais fácil, ia para Padre por querer o mal dos rapazes? Claro que não!

x x x x

Há tempos esteve aqui um Sacerdote, Amigo da Obra, que se mostrou preocupado com o facto de eu continuar só. Mas logo acrescentou que não se admirava.

Orientasse eu as coisas de modo a serem criados lugares de professoras, assistentes sociais, enfermeiras, e teria as colaboradoras de que precisasse.

Não me deu novidade nenhuma.

Já deve passar da dezena o número de professoras que aqui vieram bater, por um lugarzinho.

O pior era que, se as cá tivesse, aconteceria como com o curso especial da Casa do Gaiato de Beire. São umas fora, outras dentro, porque ficam só enquanto não arranjam melhor.

x x x x

Está assim o mundo!

Tão enredado de interesses mesquinhos que não crê na disponibilidade desinteressada, a favor dos Irmãos.

Só com provas à vista!

Tão cheio de egoísmo que não crê na Caridade, a Única que dá valor às obras.

Só com provas à vista!

Foi por isso que o Divino Espírito Santo despiu a púrpura ao Cardeal Léger e o levou para mísera leprosar, em África...

Inês — Belém — Viseu

AGORA

A Procissão, que há tempos saiu, ainda penitencial, passa agora, louvando o Senhor pela Páscoa, a Sua passagem de misericórdia que justifica até ao fim dos tempos, os homens que se dispuserem também a passar com Jesus a Via Dolorosa que conduz à Glória.

Neste espírito caminham os fiéis desta Procissão, comungando as dores dos outros, dando de si mesmos para lhas mitigar quanto possível. E se nenhum deles pode remediar por si e de uma vez todo o sofrimento das multidões sem abrigo digno do nome de lar, nem por isso desanimam ou se consentem aquela podre paz de consciência dos que, fazendo algo, se julgam dispensados do resto que falta para o tudo de que são capazes. Esta é a ilusão de muitos cristãos piedosos, que aliás o Senhor adverte no Evangelho, escandalizando os puros com o anúncio da presença no Seu Reino de ladrões e prostitutas e da ausência de muitos que, ritualmente, se julgariam lá.

Estes, das Casas a prestações, vêm e voltam e tornam a voltar. E vários deles, depois de atingida a primeira meta, impõem-se nova. Esta é a graça com que o Senhor premeia a sua fidelidade à primeira ins-

piração, com que vai respondendo à fome de justiça que Ele mesmo desperta e que só se sacia com o tudo de que cada um é capaz.

Começamos pelo Ultramar. E, da Beira, o Arnaldo com mais 1.000\$ que perfazem a dúzia. De lá, também, a Dulce com outro tanto e Cruz com 150\$, mais 250\$, mais 150\$, mais 150\$, mais 150\$ para a Casa do meu Pai que fica em 5.500\$00.

De Lourenço Marques 1.000\$ de F. Dantas.

Agora é Luanda, com 500\$ que começam a Casa Frederico de Carvalho e 4.500\$ para a Casa Jalusu.

Ainda de Além-mar, mas agora de Newark um cheque de \$35,0 dollares, de Ana.

Regressamos à Metrópole com Maria Ana e Pedro: São 500\$ para a Casa Espírito Santo.

A Casa Rodízio subiu da 6.ª para a 11.ª prestação. O Bairro De Cores cresceu 224\$50.

Ora tomem este recado:

«Confiando em Deus na possibilidade de poder contribuir, às gotas, em grande parte para a construção de uma casa para o Património dos Pobres deixo a quantia de mil escudos.

Sendo possível, gostaria que ela fosse chamada casa de S.ta Rita.

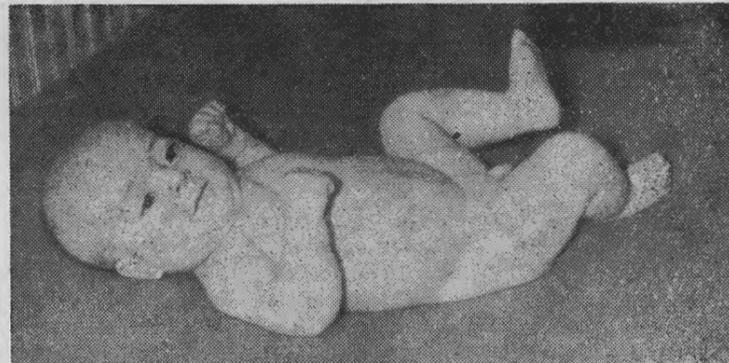
Mais 500\$ para a Casa sem nome.

Aí está uma vez mais o meu «Desconhecido» (Quando nos conheceremos nós?!) com três contos, «primeira pedra para a Casa de S. Carlos e mais este desabafo: «Veja a minha situação! Tenho neste momento em construção 3 casas: S. Carlos, Maria Santíssima e S. Nicolau e gostaria de as saber habitadas rapidamente».

Descanse meu Amigo «Desconhecido» que o dinheiro não pára e as suas contribuições vão dando para uma e depois para outra e para outra...

O Casal ass. 28.562 manda de uma vez 11 prestações: «Saltamos assim, com a graça de Deus, para 160.». Mais 100\$ para a Casa Pai Américo e dez vezes mais para a Casa S. Bernardo. E a 10.ª pedra para a Casa de S. Carlos. Mil para a Casa de António e do Fernando. A Casa das três Marias, atingiu a meta dos 12 contos com uma fiada de 4 deles. Porém a Mãe das três Marias está disposta a prosseguir e já mandou 500\$ mais 100\$00. Três vezes 500\$ para a Casa N. S.ª da Boa-Hora. Quatro vezes 1.000\$00 de M. M. - A. L.

Com as prestações dos dois últimos meses de 67 acabou a Casa Crucifixação do «Rosário» delas. E já chegaram as três primeiras da 1.ª Casa dos Mistérios gloriosos: Ressurreição. A Casa do Eduardo terminou na meta dos 24 contos. A Casa de S. Francisco subiu da 88.ª para a 94.ª prestação. Do assinante 6790 cinco presenças de 100\$. Outras tantas da «Mãe que crê em Deus» que fica com elas em 9.470\$. E mais cinco gotinhas a juntar, pela graça de Deus, à Casa de S. Filomena.



O primeiro filho do Zé Manuel, ex-«Formiga».

Auto-Construção

Este jornal chegará às mãos dos seus leitores em pleno tempo pascal. Os aleluias da Ressurreição nalguns lugares são cantados tão vibrantemente por homens, mulheres e crianças que parecem fazer tremer as paredes dos templos. E o tempo pascal prolonga-se e os aleluias repetem-se, passando do culto para a vida corrente. «Os marinheiros, quando as embarcações se cruzavam, saudavam-se, duma extremidade à outra com a apóstrofe Aleluia. São Jerónimo, ao atravessar os campos de Belém, ouvia-os cantar aos lavradores, agarrados à charrua». Quando o canto acompanha o trabalho, este perde aquele caracter penoso de castigo, que o torna sempre mais pesado, enfadonho e detestado. Auto-Construção poderá restituir muita alegria ao

trabalho. Os rapazes ou homens, recentemente casados, pertencem aos novos. Gente nova para quem ser alegre deverá constituir um verdadeiro mandamento. Trabalham em comum e esta espécie de trabalho sempre se revestiu de um contentamento que se espalha naturalmente e sem esforço. O grupo presta-se à comunidade, ao comentário, mais ou menos feliz, mais ou menos a propósito. Além disso trata-se de um empreendimento grandioso. Um grupo de oito, dez ou doze trabalhadores construirá oito, dez ou doze vivendas, cada uma das quais com características de poder servir uma família nume-



O assunto principal da crónica de hoje é a festa dos Gaiatos de Paço de Sousa que no dia 26 de Março vieram realizar. Tudo foi bem e tudo foram lições. Houve facilidade nas andanças pelas competentes repartições e todos quiseram cooperar. Por toda a parte encontramos a melhor boa vontade. Notava-se claramente que por detrás de nós e dos rapazes existia uma força invulgar que tudo vergava. A memória de Pai Américo era invocada constantemente!!! A ele se deve o bom resultado da festa. Não queremos diminuir o valor dos artistas, nem a beleza dos nú-

Lar Operário em Lamego

meros representados, mas a disposição com que o público entrou na sala dos espectáculos, constituiu mais de 50% do triunfo obtido. Estamos convencidos que as mesmas cenas com outros actores não teriam tantos aplausos.

Isto não pode trazer vaidades, mas impõe obrigações a

todos os que vivem e trabalham na «Obra da Rua». Temos forçosamente de reflectir sobre a grande herança que nos deixou Pai Américo, e no dever de a transmitir, aos que vierem depois de nós, mais enriquecida ainda, se for possível.

Isto tem de ser uma preocupação constante de todos os

que se consideram da família da «Obra da Rua» e, como se tem afirmado muitas vezes neste jornal, dela faz parte o grande público das nossas festas e os numerosos leitores e assinantes de «O Gaiato». A responsabilidade não é igual em todos, mas cada um deve responder pela parte que lhe cabe.

Em Lamego, por ocasião da festa dos Gaiatos, notou-se uma admirável compreensão e foram muitos os que viveram esta causa. O mesmo se não pode dizer quanto à compra e leitura do jornal «O Gaiato» onde encontramos processo de enriquecer o património espiritual da Obra. O nosso interesse não há-de partir somente de simples compaixão, ou maior

simpatia. Torna-se indispensável conhecer o espírito, penetrar na causa principal e única da existência da «Obra da Rua». Poderemos consegui-lo pela leitura assídua e atenta de «O Gaiato», onde nos é apresentado o Evangelho vivo através dos casos ali narrados e pelas notícias de novos e redobrados trabalhos com os que eram rejeitados pela sociedade e hoje, ou amanhã, nela são integrados como valores reais.

Desejávamos encerrar a festa com estas palavras, acrescentadas de agradecimentos aos que de qualquer modo ajudaram. Queremos ainda agradecer a quem soube ler as últimas notícias aqui publicadas sobre as despesas efectuadas com as oficinas do Lar de S. Domingos. Os donativos recebidos não chegaram para saldar a dívida, mas deram-lhe um empurrão. Que Deus pague a todos e muito em particular àquela senhora Lisboa que mandou 500\$00 e palavras de afecto pelos rapazes com votos de que chegassem ao que desejavam.

Padre Duarte

Aqui LISBOA

Ainda não tinha cinco anos quando veio para nossa Casa. Vai fazer 14 em Setembro e, até hoje, não nos consta ter sido procurado por alguém da família. Apenas uma senhora das Encomendas Postais o visitam todos os anos, deixando algo para a Obra. É traquina, como as crianças da sua idade, com mutações de semblante pitorescas. As suas observações ou comentários fazem-nos sorrir, um tanto pelo imprevis-

rosa. É uma tarefa grande, mesmo no valor material. Além de ser gente nova — com sangue na guelra como se costuma dizer — de ser um trabalho feito em grupo, de ser uma tarefa grande, os Auto-Construtores trabalham para si mesmos, para a própria família, constituída ou a constituir. Esta última característica não pode deixar de produzir efeito de entusiasmo, de alegria. Uma vez ou outra lá vem uma refeição em comum, um cabrito com batatas aferventadas, um magusto regado com a boa pinga da região. Mas o principal motivo deste movimento, restituir a alegria ao trabalho, virá quando a grande família dos Auto-Construtores e dos seus Amigos tiverem consciência da sua Missão. Uma grande família de trabalhadores, atrás dos quais está uma família tão grande ou maior de Amigos, família esta que terá professores da Universidade, membros do Governo, industriais, sacerdotes, engenheiros, estudantes, senhoras, criadas de servir, noivas; uma família grande de Amigos a compreender e a ajudar. Nessa altura os trabalhadores restituirão aquela alegria ao trabalho que um indivíduo, mesmo antinatural e um egoísta feroz tinham roubado.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

to, em parte pela inocência. Na última quinzena de venda em Santarém chegou-nos pressuroso a comunicar que «a sogra do senhor padre mandou cumprimentos!» Ante o nosso justificado espanto e depois de explicarmos que nunca casáramos, insistiu convicto nos «cumprimentos da sogra». E pronto, não tivemos outro remédio senão em os aceitar, pois o «Loucura» — assim é conhecido — começava a ficar de facies carregado e, quando assim sucede, é um caso sério este nosso filho. Em momentos como este há um alívio da nossa sobrecarga habitual, que nos enche de felicidade. Deus seja louvado por nos contentarmos com tão pouco!

x x x x

Estamos na Semana Maior. Agora, mais do que nunca, ante o drama da Paixão e Morte do Senhor, vem-nos à mente

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

Vivia com a avó que ele chama mãe. Esta, não sei dela. O pai abandonou esta pérola.

x x x x

Regressaram todos os que tinham fugido! Por seu pé, livremente.

A porta estava aberta, a mesa posta e nós todos, felizes pelo seu regresso.

A porta continua aberta, sem grades; pois, cada um tem que ser por ele mesmo... sem coacções que deformam.

Cada um, responsável. Trambulhões são lições. Que todos aproveitem.

E, em frente. É nosso o caminho.

a pequenez e a miséria que somos e a responsabilidade caída sobre os nossos ombros pecadores. Sentimos bem as palavras de Pai Américo: «A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos «Padres da Rua» tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos rapazes, sangrem os padres até ao fim. A nossa capela. A missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos. Pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados».

x x x x

Precisamos de constituir a nossa biblioteca, com livros adequados às idades e às características dos nossos Rapazes, livros actuais e de nível moral ímpoluto. Daqui a colaboração dos nossos leitores, em ofertas e em sugestões, dado que as disponibilidades materiais e de tempo não nos permitem grandes voos.

x x x x

É já no dia 25 a nossa festa anual. Todos vivem animadamente os dias que faltam. Os ensaios sucedem-se mas não sabemos nada do que vai acontecer, pois ainda não assistimos a nenhum. Contamos com a presença dos Amigos de sempre, para comungarmos de perto os nossos anseios e problemas. Lisboa não vai ficar atrás do êxito conseguido por esse País fora e, à porta do Monumental, encontrará as capas negras onde poderão cair os contributos para as oficinas em construção, o grande passo em marcha da nova Aldeia.

Padre Luís

Visado pela Comissão de Censura

Carta de BENGUELA

Após quatro anos de árdua luta em busca de conforto e repouso para o garoto arrancado ao lamaçal da rua, a Casa do Gaiato de Benguela, nos lábios da comunidade, sorri, vendo concretizada a primeira fase de construção da futura Aldeia dos rapazes, esta feita nos moldes de Paço de Sousa, berço, «de raiz», da imortal sinfonia de Pai Américo dispersa em três rebentos — a Casa do Gaiato, o Calvário e o Património dos Pobres.

O facto da inauguração das primeiras instalações da futura Aldeia de Benguela é mensagem de muito significado, pois tudo que nelas há revela que a Caridade é luz brilhante.

Tentar descrever a singeleza das construções ora a funcionar, não é fácil. Ele é o rústico da fachada central da Casa-Mãe — que o canteiro soube transmitir através da maceta e escopro; o encanto do gigantesco depósito da água — passo de quantos o admiram; e os Anexos à «Casa-Mãe» (lavandaria, padaria e moagem) simplicidade espontânea dos argumentos caseiros; e, por complemento desta fase, as oficinas de serralharia e carpintaria — onde o rapaz, então garoto da rua, toma o gosto pela arte que lhe é confiada, segundo a sua vocação.

Embora (e porque presentemente os recursos mais não permitem) seja ainda moderada a presença gaiata na nova Aldeia, tudo nela já denota um progressivo paralelismo com as demais Casas do Gaiato já vinculadas no desígnio pleno da «OBRA DA RUA».

Muito para além da beleza e encanto de tudo quanto de material nos embriaga os olhos, a Casa do Gaiato de Benguela é mais um testemunho vivo da «inspiração» de Pai Américo, onde o garoto vindo do tugúrio recebe e transmite o carinho e conforto dum aconchegado lar, ambicionado desde a sua meninice.

Se, pois, «lançares as mãos ao arado» — como diz Pai Américo no «Pão dos Pobres» — «não olhes atrás, mas continua na ansia de lavar mais e melhor...» Porquanto no dar encontrarás o receber!

Santos Silva



PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

FESTAS — Não se fala noutra coisa cá em Casa. São uns a correr para o salão, são outros a saírem de lá, são telefonemas a marcar bilhetes, enfim tudo isto significa que temos festas à porta. E temos mesmo. Este ano começaremos por Azeitão, que ainda não tem data certa. É a primeira vez que lá vamos. Segue-se depois Almada, Setúbal e Palmela. A estas três já não é a primeira vez. E por isso contamos com casas cheias.

Mas pelo que me consta ainda não ficaremos por aqui. Ouço falar em Montijo, Sesimbra, Sines e Caparica, mas parece-me que estas serão só para o Verão.

Antes de terminar estas notícias de como vão as nossas festas cá em baixo, quero lembrar aos nossos amigos que as salas de espectáculos têm sido pequenas, portanto não percam tempo...

OBRAS — Continuam em ritmo acelerado os acabamentos do nosso Lar. O Sr. Padre Acílio acabou de chegar com uma camioneta cheia de azulejos e louças sanitárias que lhe deram no Porto. Bem haja quem se lembra de nós.

ENCONTRO — Vieram até nós num dos últimos Domingos os Escriteiros de Setúbal. Quiseram ver como era a nossa vida e a nossa Casa. Chegaram pela manhã e assistiram à Missa juntamente connosco. Depois foi a vez de um amigável jogo de futebol. Não resta a menor dúvida quanto ao vencedor; por aqui já se pode ver que foram os da Casa pela margem de 6-0. E a hora do almoço chegou. Todos juntos no refeitório saboreámos o almoço que nos foi servido, eles comeram do nosso e nós comemos do deles.

A tarde e para finalizar foi a vez de um convívio no nosso salão de festas. Todos riram, todos brincaram e

todos gostaram da presença de uns e de outros.

Antes de terminar queremos deixar aqui expressos os nossos agradecimentos e esperamos poder continuar a tê-los cá mais vezes.

Por hoje é tudo e até à próxima se Deus quiser.

Laurindo Ferreira Lopes

CALVÁRIO

Temos pensado várias vezes se o nosso desejo de dar notícias do «Calvário» não será mais maçador do que útil. Não dizemos isto porque tenhamos motivo de queixa dos nossos amigos leitores... isso não. Só a nossa pouca imaginação em não concretizar os factos reais passados no dia a dia aqui vivido. Não sabemos variar, para não maçar! Perdõem a minha incapacidade. Espero merecer um pouco da vossa atenção...

FESTAS — O Coliseu é sempre o começo todos os anos. Quando aqui é conhecido o dia tudo vive na expectativa. Nomeadamente aqueles que ainda dão umas passadas.

E mesmo aqueles já incapazes sentem a festa e tinham desejo de compartilhar da alegria daqueles que podem ir. Seria impossível que todos fôssem... este ano foram meia dúzia. Este desejo é de tal ordem que até faz ganhar forças àqueles que não a têm!

Reparem nestá: — Andando com unha incravada já com inflamação no pé ainda no dia anterior do dia da festa já tinha sarado.

— Outro ainda que lhe dão um nome quase a calhar, não podia ter

calhado melhor para ele. Pediu uma, duas, tantas mais vezes que foi atendido! Aos vendedores de peixe chama-lhe a freguesia «chato» e aborrecido por acusar do peixe que não gosta. Mas ao fim de contas ficam com ele!...

Ainda sobre o mesmo assunto, ficou um em casa que tinha sido avisado para que o preparassem por não ter forças capazes, apesar de ser um homem novo. Os seus companheiros fizeram-lhe uma festa que ao fim e ao cabo mostram aos amigos leitores como é sempre em alvoroço que são sentidas as vossas presenças nas salas aonde os rapazes dão largas à sua imaginação e alegria, nomeadamente no Coliseu. Uns tristes por não terem sido atendidos e esperando já nova ocasião.

PRIMAVERA — Mesmo antes de os calendários assinalarem a chegada da Primavera, apesar de ter chegado mais cedo, a presença de dezenas de passarinhos já faziam sentir o seu alegre cantar. Podemos mesmo dizer que durante todo o ano eles nunca faltaram aqui. Porque se praticamente as árvores perderam as folhas nem por isso se foram embora.

Pois é assim. Dentro de pouco tempo atinge o ponto culminante toda esta beleza real que a Natureza nos oferece.

E os homens de boa vontade ajudam este meio a tornar-se cada dia mais acolhedor para todos os seres criados. Chegou a Primavera! Que os corações saibam vibrar... e compreender.

Manuel Simões

BENGUELA

Amigos leitores, como sempre, mais uma vez nos encontramos dando notícias desta Casa do Gaiato.

CASA-MÃE — É de dar conhecimento aos nossos estimados leitores, de que já mudámos para esta dita casa da qual já começamos a sentir todo o conforto, toda a beleza, todo aquele ambiente de nos encontrarmos numa casa nova, e em melhores condições em todos os aspectos da vida de uma Casa do Gaiato. Casa-Mãe, o nome está dizendo tudo: «Ela» é «Mãe» sim! Porque é lá que se desenrolam todos os serviços que estão relacionados com o ambiente da Casa. Todas as manhãs, ao meio dia e à noite, «Ela» é visitada pela comunidade inteira, por causa das nossas refeições diárias. Durante o dia os trabalhos continuam nas limpezas, escritórios, rouparia, copas, cozinha, consultório médico, etc.

Ligada aos trabalhos da cozinha, copa, limpezas, etc., está uma Senhora que chegou há pouco tempo da Metrópole, uma Senhora que tudo deixou: família, amigas, tudo quanto lhe era bom para se dedicar a nós, com todo o amor, como se estivesse a tratar de filhos seus. Pela nossa parte o propósito está feito, de a ajudarmos sempre em tudo que nos for possível para que assim possamos saborear «o quanto é bom vivermos em Paz».

FUTEBOL — Como todos sabem, este tão belo desporto é indispensável numa Casa do Gaiato e não há dúvida que esta nossa Casa está desenvolvendo quanto ao dito desporto. Este mesmo desenvolvimento desportivo, tem que ser agradecido à boa vontade dos nossos «pupilos» que juntamente com o treinador, Manuel Luís de Oliveira, têm contribuído para que tudo corra bem. Aquele avontade com que a nossa equipa entra para os campos, dá-nos uma certeza total de confiança perante o resultado.

António Augusto de Almeida

TOJAL

Caros leitores, a caridade com o nosso próximo, é a base fundamental, para todo o ser humano, no plano divino e sobrenatural.

Todo o ser humano, que está faminto, que sofre de doenças incuráveis, que vive em barracas impróprias para pessoas, etc. Carece muitas vezes do amor do seu próximo, que alheio às dificuldades da vida de hoje, passa despercebido, perante tais problemas, que podem trazer à Humanidade sérios conflitos de diversos aspectos.

O Pobre é, sem dúvida, a verdadeira imagem de Cristo, que nasceu humildemente, numa gruta, na Cidade de Belém e que depois ressuscitou gloriosamente, de entre os mortos. Jesus Cristo disse aos homens: «Tudo o que fizerdes, ao vosso irmão necessitado é a Mim que o fazes».

Esta frase de Jesus Cristo, contém uma doutrina eficaz, que sobrepõe todas as coisas, no Mundo actual.

Por esse mundo de hoje, há bastantes pessoas que se dedicam, duma maneira especial, por aqueles que precisam de carinho, de uma palavra amiga ou ainda todo o nosso respeito e estima.

O dever do cristão, acima de tudo, é cumprir com os mandamentos, que Deus nos ensinou. Por esta razão, devemos ser leais para com o nosso próximo, que está necessitado.

Joaquim Martins

LOURENÇO MARQUES

De longe ou de perto, pelo correio ou pessoalmente, temos recebido as vossas ajudas, que vamos acusar. As nossas contas são boas de fazer e os rendimentos estão à vista de quem nos queira visitar. Sabemos de muitos amigos que nunca cá vieram. Alguns por muito ocupados, outros porque passam sem dar fé. Pois quando esta receberem, no portão de entrada da nossa quinta ao km 15,5 da estrada de Marçacene, deve estar bem visível a legenda Casa do Gaiato. Aquelas letras são oferta de um amigo que aprendeu a conhecer a Obra quando estudava em Coimbra, pela mão de Pai Américo

Mais nos ofereceram também um camião para acarretar os materiais de construção para as obras da Aldeia. Fomos buscar borraça a duas Firmas da cidade para renovação dos pneus e levámo-los a duas oficinas da especialidade; estas ofereceram o seu trabalho. De modo que ficou calçado de cinco pneus e só aguarda uma revisão geral que esperamos também não custe dinheiro.

Da rua Caldas Xavier veio uma máquina de costura, um divã, lavatório e cadeiras de verga. A Palmeira fomos buscar toranjas que deram deliciosas bebidas para as refeições. A Fasol vamos buscar vinte litros de óleo de amendoim, um saco de farelo e agora mais dois mil e quinhentos escudos mensais. Ao Santos Gil, coisa de vinte quilos de arroz. Igual de massa à Matola.

De uma subscrição entre Empregados de Firmas da baixa: Delagoa Bay entregaram-nos, salvo erro, 652\$; Manica Trading Company, 100\$, Caltex 577\$50, Mobil 185\$. De um Despachante da Alfândega muito amigo do nosso Tónio Augusto, 500\$ deixados no A. Teixeira. Da Firma João Ferreira dos Santos dez mil escudos, das Cervejas Reunidas mil e duzentos.

De um oficial do exército, sete mil. Mora na Boavista — Porto. Quem diria?... de tão longe! Que momento delicioso, pois estávamos em grande perturbação. Deus não falta no momento mais difícil. E não falta também àqueles que nos ajudam. De quem nos visita todos os sábados, dois mil e metade de Senhora que acompanhava. Da rua de Malhangalene cem escudos mais 50\$ para uma Missa. De Nampula, 445\$ com desejos de uma Páscoa muito santa e alegre para toda a Família dos Gaiatos. Graças a Deus que o foi. Tivemos connosco todos os casados que estão a trabalhar na cidade e um, que está em Tete, marcou presença com trezentos escudos. Mais cem de uma Mãe aflita e mais vários depósitos de assinaturas no B. N. U.. A todos o nosso bem hajam numa medida muito maior.

Padre José Maria

Festas

Cont. da 1.ª página pelo êxito artístico do espectáculo produzido. Para eles é fonte, também, de tranquilidade; e, mais ainda, de humildade, na medida em que reconhecerem a colaboração acumulada dos seus antecessores no seu próprio trabalho, a explicar a constante de admiração da gente

dos palcos por onde passamos e passamos outros de nível cultural muito superior, motivada pela superioridade da nossa organização.

Fecho, pois, a época deste ano, feliz. E, ao agradecer a Deus e aos obreiros desta felicidade a, neste ponto, mais perfeita Festa de sempre, não esqueço os dois que desde há

alguns anos me libertaram totalmente destes cuidados, com tão universal proveito. E, apoiado na força da tradição em que creio, espero que os sucessores destes três que, pelo tempo em fora, não-de surgir, cuidem, sem «peneiras», de dar o seu melhor pela melhor Festa possível.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE